

O Papa e a luta contra a SIDA

Elias Couto

Fonte: Diário do Minho

1. A proibição do uso de preservativos pelo Vaticano custou centenas de milhares de vidas e foi um dos seus “erros mais trágicos nos dois primeiros milénios da sua história” (Nicholas Kristof, New York Times). O Papa “provavelmente contribuiu mais para a propagação continental [em África] da doença [SIDA] do que a indústria de camionagem e a prostituição juntas” (New Statesman, Londres). O Vaticano “finalmente será acusado de crimes contra a humanidade” (Rosemary Nelly, The Australian, Sydney). O Papa e Lenine são do mesmo calibre, pois «ambos antepuseram o extremismo ideológico à vida humana e à felicidade, com custos humanos inimagináveis” (Polly Toynbee, The Guardian, Inglaterra). O Papa é ignorante e coloca «obstáculos inultrapassáveis à prevenção da doença [SIDA]” (The Lancet).

Qual Papa? Bento XVI? Não. Tudo isto foi escrito a propósito de João Paulo II, antes e depois da sua morte. Aliás, os mais velhos lembram-se que o mesmo João Paulo II tinha sido mimoseado, num semanário “de referência” do nosso país, com um cartoon miseravelmente rasteiro, no qual aparecia com um preservativo no nariz. À luz destas breves citações, é fácil entender as reacções às palavras de Bento XVI, a propósito da luta contra a SIDA em África, como parte de um padrão antigo destinado a calar a Igreja, impedindo-a de propor aquilo em que acredita.

2. Afinal, o que disse o Papa? A uma pergunta sobre se a acção da Igreja na luta contra a SIDA não será irrealista e ineficaz, Bento XVI respondeu: “Penso que a realidade mais eficiente, mais presente, mais forte na luta contra a SIDA seja justamente a Igreja Católica, com os seus movimentos, com as suas diversas realidades”. Os números, mesmo os da ONU, confirmam esta afirmação do Papa: mais de 30% da prevenção da SIDA e do tratamento dos doentes, sobretudo em África, é levado a cabo pela Igreja Católica, a um custo muito inferior àquele de organizações das Nações Unidas e das Organizações Não Governamentais presentes no terreno.

E acrescentou Bento XVI: “Diria que não se pode superar este problema da SIDA somente com o dinheiro. Ele é necessário, mas se não há alma que o saiba aplicar, não ajuda; não se pode superar com a distribuição de preservativos: pelo contrário, aumentam o problema. A solução é dúplice: a primeira, uma humanização da sexualidade, ou seja, uma renovação espiritual e humana que traga consigo um novo modo de comportar-se um com o outro; a segunda, uma verdadeira amizade, sobretudo, com as pessoas sofredoras, uma disponibilidade, também com sacrifícios, com renúncias pessoais, para estar com os sofredores”.

Pode não se concordar com o Papa, mas ultrapassa largamente os limites do razoável chamar-lhe criminoso e outros mimos do género por defender uma visão humanizadora da sexualidade e por considerar a educação e a promoção social e humana como a forma mais eficaz de lutar contra a SIDA. Quanto a exigir-lhe que “retire o que disse”, como fez o Director do Fundo Mundial de Luta contra a SIDA, é simples estupidez e arrogância típica de burocrata.

3. Nesta gritaria toda, há coisas que impressionam. Gente para quem a Igreja e o Papa não representam nada de importante levanta-se em altos berros porque o Papa diz alguma coisa?! Pois é, os “coitadinhos” dos africanos ouvem tudo quanto o “Papa branco” lhes diz e não sabem distinguir a mão direita da mão esquerda; e, portanto, é preciso que os “intelectuais” europeus, sábios e ilustrados, venham em seu socorro, dizendo-lhes o que de facto devem fazer e condenando o Papa por os induzir em erro – já se viram manias paternalistas e neocolonialistas de muito género, mas esta raia o absurdo. Porque, das duas uma: ou os africanos fazem o que diz o “Papa branco” – e então não há problemas, pois terão uma vida sexual sem riscos, segundo a moral católica; ou os africanos não fazem o que diz o “Papa branco” – e, nesse caso, diga o Papa o que disser sobre o uso do preservativo, os africanos continuarão a fazer o que entendem. Em ambos os casos, será necessário procurar outros culpados para a difusão da SIDA em África, pois o Papa não é chamado aqui para nada.

4. O resto – e é muito – do que foi dito e escrito em variados meios de comunicação social releva, apenas, de um anticatolicismo cada vez mais activo e agressivo, que gostaria de ver o Papa e a Igreja reduzidos ao silêncio. Infelizmente para estes censores encartados e polícias do politicamente correcto, promotores da promiscuidade sexual e da banalização do humano, nós vamos continuar por cá bastante mais tempo do que eles. Gostem ou não.